****

**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL**

**AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA**

**LETRAS/LIBRAS**

**KARINA MARIA BARBOSA DE LIMA MEDEIROS**

**O ensino da Língua Inglesa para alunos surdos: uma análise da relação entre a Libras (L1), a Língua Portuguesa (L2) e a Língua Estrangeira (L3)**

João Pessoa

2016.1

**KARINA MARIA BARBOSA DE LIMA MEDEIROS**

**O ensino da Língua Inglesa para alunos surdos: uma análise da relação entre a Libras (L1), a Língua Portuguesa (L2) e a Língua Estrangeira (L3)**

Artigo Científico desenvolvido na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC e apresentado ao Curso Letras/Libras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a conclusão do Curso.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina de Assis

João Pessoa

2016

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**KARINA MARIA BARBOSA DE LIMA MEDEIROS**

**O ensino da Língua Inglesa para alunos surdos: uma análise da relação entre a Libras (L1), a Língua Portuguesa (L2) e a Língua Estrangeira (L3)**

Artigo científico aprovado como requisito parcial à obtenção do grau de licenciado (a) em Letras/Libras pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, pela seguinte banca:

Aprovado (a) em \_\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

**\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

**Profa. Dra. Maria Cristina de Assis (UFPB)**

**\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

**Profa. Me. Marie Gorett Dantas de Assis e Medeiros Batista (UFPB)**

**\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

**Prof. Dr. Magdiel Medeiros Aragão Neto (UFPB)**

**João Pessoa/PB**

**2016**

**Resumo**

Há vários anos, o tema sobre inclusão dos alunos surdos vem sendo discutido em várias esferas educacionais do ensino fundamental e médio. Tratando-se dos estudos e práticas sobre o ensino da língua inglesa, é reconhecida a importância desta língua para estes alunos, pois são necessárias a aprendizagem e as experiências com novas situações comunicativas e linguísticas proporcionadas pelo conhecimento de uma língua estrangeira. Isso fortalecerá e desenvolverá novos conhecimentos culturais para o cidadão surdo, do mesmo modo como ocorre com alunos ouvintes. O presente trabalho tem como finalidade analisar como ocorre a aprendizagem dos alunos surdos nesta língua estrangeira e também como se estabelece a relação entre essa língua, a língua portuguesa e a Libras durante as aulas da LE. Como metodologia, será exposta uma pesquisa bibliográfica sobre o ensino e a aprendizagem de línguas para os alunos surdos. Para fundamentar essa pesquisa, toma-se como base as ideias de Salles *et. al.* (2005), Medeiros (2009), Pinto (2014) entre outros. Aborda-se o papel social da língua e da linguagem, a aprendizagem e o ensino da língua inglesa para os alunos surdos, a relação entre essas três línguas nas aulas de língua inglesa, bem como o domínio do professor de LE em relação à Libras durante as aulas e as estratégias metodológicas da língua inglesa para estes alunos. Espera-se que esta reflexão possa contribuir para os estudos sobre as metodologias e estratégias das aulas de Língua Inglesa para estes educandos com foco numa abordagem inclusiva, visando a uma aprendizagem significativa e a aquisição de novos conhecimentos culturais e linguísticos.

**Palavras-chave: Ensino da Língua Inglesa; Libras; alunos surdos.**

**Abstract**

For several years, the issue of inclusion of deaf students has been discussed in various educational levels of elementary and high school. In the case of the studies and practices of the teaching of English, it is recognized the importance of this language for these students, as they are necessary for learning and experimenting with new communication and linguistic situations provided by the knowledge of a foreign language. This will strengthen and develop new cultural knowledge to the deaf citizens in the same way as with hearing students. This study aims to analyze how does the learning of the deaf students in this foreign language and also how to establish the relationship between the language, Portuguese and Libras during the lessons of LE. As a methodology, a bibliographic research on the teaching and learning of languages ​​for deaf students will be exposed. To support this research, it is taken as the basis of ideas Salles et. al. (2005), Medeiros (2009), Pinto (2014) among others. Addresses the social role of language and language learning and teaching of English for deaf students, the relationship between these three languages ​​in English language classes, as well as the LE teacher domain in relation to the pound during the classes and methodological strategies of English to these students. It is hoped that this discussion will contribute to the studies on the methodologies and strategies of English classes for these students to focus on an inclusive approach, aiming at a significant learning and the acquisition of new cultural and linguistic knowledge.

**Keyboards: English Language Teaching; Libras; deaf student**

**Introdução**

Falar de língua estrangeira (LE) no contexto da escola inclusiva e com alunos surdos é algo inovador, desafiador e que merece a atenção. Sendo assim, este trabalho propõe-se analisar a aprendizagem dos alunos surdos nesta língua estrangeira e como é a relação de uma aula desta LE com a Libras e com a língua portuguesa.

Para justificar a elaboração e a realização deste artigo científico, encontra-se a motivação na minha experiência de dezenove anos como professora de língua inglesa somada ao meu contato com essa disciplina com alunos surdos no município de Santa Rita.

Segundo Salles (2005), a Libras é oficializada como a primeira língua ou L1 das pessoas surdas de acordo com a Lei nº 10.436 de 24/04/2002, como um meio de expressão, comunicação e de instrução educativa, paralelamente com as outras disciplinas curriculares, como é o caso do ensino de língua portuguesa como segunda língua (L2) e da língua estrangeira ‒ neste artigo, o inglês(L3) ‒, através da análise bibliográfica de estudiosos que utilizaram materiais e métodos específicos de ensino, fazendo as adaptações necessárias para este público nas escolas.

Assim, a língua materna é a primeira língua que adquirimos na modalidade oral ou sinalizada e para Quadros & Karnopp (2004), a língua brasileira de sinais é vista como uma língua natural das pessoas surdas, em que irá desenvolver habilidades linguísticas.

Essa oficialização da Libras foi um grande avanço para a comunidade surda, no sentido de que aponta ser necessária a presença de intérpretes em diversos locais, como: nas escolas, hospitais, repartições públicas, estabelecimentos comerciais e entre outros, em que ocorre a comunicação entre os surdos e ouvintes, pois promove o acesso à cultura, a história e o desenvolvimento da identidade surda. Sabe-se que ainda não acontece em todos os ambientes em que o cidadão surdo está inserido, pois ainda falta um maior compromisso dos órgãos públicos, visto no art. 26 do Decreto 5.626 de 22/12/2005, que as empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta devem garantir às pessoas surdas o tratamento diferenciado, para o uso e a difusão da Libras e da tradução e interpretação desta língua.

Então, o papel do intérprete neste processo de tradução e de interpretação, envolve mecanismos cognitivos e linguísticos, em que processará a informação na língua fonte e fará escolhas nas estruturas da língua alvo para que haja uma intenção comunicativa nas duas línguas em questão, respeitando os aspectos culturais, sociais e as variações linguísticas durante o momento da interpretação.

Este profissional deve dominar a língua de sinais e a língua falada do país a ser interpretado, no caso do nosso país, a Libras e a língua portuguesa, podendo ainda dominar outras línguas, como; o inglês, entre outras, em que ajudará na fidelidade no momento da compreensão das informações pelas pessoas surdas. (QUADROS,2004)

Diante dessa realidade, os educadores devem descobrir e participar ativamente desse processo de inclusão, promovendo um ensino inclusivo que, conforme a UNESCO (*apud* FARIA, 2001), é sustentada por quatro pilares do conhecimento, que são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.

Como parte deste processo, em que atuo como professora de língua inglesa, foi observada a dificuldade de lecionar a língua inglesa para os alunos surdos e a relação dessa língua com a Libras (L1) e a língua portuguesa (L2) durante as aulas. Na prática, em nossas salas de aula com os alunos surdos, mesmo com a presença de um intérprete de Libras para auxiliar na comunicação entre estes alunos e o professor de LI, existem atividades em que acontecem dificuldades, tendo em vista a comunicação recíproca e simultânea entre a língua inglesa, o português e a Libras ao mesmo tempo. A presença dessas línguas requer um maior esforço por parte do professor, intérprete e alunos.

Com referência a essa dificuldade, existe o problema de como fazer essa adaptação, ou seja, como inserir esses alunos nas atividades coletivas, pois, na prática, a grande maioria dos intérpretes não domina o inglês e, por isto, não é capaz de interpretar para o aluno surdo a situação comunicativa que está acontecendo entre o professor e os alunos ouvintes.

É necessário, portanto, que haja uma reflexão e estudos dos pressupostos teóricos que abordam esse tema, o processo educacional do aluno surdo diante da língua estrangeira, o seu desenvolvimento como indivíduo nesse ambiente educacional, cultural e linguístico, envolvendo ainda os aspectos que dificultam a interpretação das aulas de inglês pelos intérpretes.

**1 Ensino e aprendizagem de línguas para os alunos surdos**

Para iniciar este trabalho sobre o ensino da língua inglesa com os alunos surdos, primeiramente foi feita uma breve reflexão sobre o ensino e a aprendizagem de línguas para surdos, além de um embasamento teórico sobre os conceitos de L1, L2 e da língua estrangeira (LE).

Para Figueiredo (2006, p. 30), quando são estudados os processos de ensino e aprendizagem de línguas, a L1 é referida como a primeira língua a ser adquirida, sendo esta a Libras vista oficialmente como a L1 para as pessoas surdas; L2 é a segunda língua, nesse caso, o português na modalidade escrita, e a LE, a língua estrangeira, como uma L3; neste estudo, trata-se do inglês. Em relação aos estudos de alunos surdos aprendendo inglês em escolas, a L1 é a Libras (Língua Brasileira de Sinais), que representa a primeira língua da comunidade surda. Assim, o português representa a L2, mas é utilizado como meio de comunicação na modalidade escrita entre os surdos e os ouvintes e o inglês, como LE, sendo uma língua de conhecimento para fins comunicativos, comerciais e culturais, envolvendo a globalização das informações.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 2006) reforçam a ideia de que o ensino da língua estrangeira tem como objetivos para os alunos, não apenas ouvintes, mas também os surdos: o desenvolvimento das habilidades comunicativas e a ampliação cultural, a compreensão das diferentes formas de comunicação, a aquisição de novos conhecimentos culturais e linguísticos e, como colaboradora, numa perspectiva inclusiva e no desenvolvimento da cidadania dos alunos na escola. Esse mesmo documento ressalta que:

[...] a disciplina Línguas Estrangeiras na escola visa a ensinar um idioma estrangeiro e, ao mesmo tempo, cumprir outros compromissos com os educandos, como, por exemplo, contribuir para a formação de indivíduos como parte de suas preocupações educacionais. PCN (BRASIL, 2006, p. 91)

Assim nos PCNs, a língua estrangeira tem como objetivo desenvolver a construção do conhecimento, através do discurso, como está enfatizado a seguir:

A aprendizagem de uma língua estrangeira deve garantir ao aluno seu engajamento discursivo, ou seja, a capacidade de se envolver e envolver outros no discurso. Isso pode ser viabilizado em sala de aula por meio de atividades pedagógicas centradas na constituição do aluno como ser discursivo, ou seja, sua construção como sujeito do discurso via Língua Estrangeira. Essa construção passa pelo envolvimento do aluno com os processos sociais de criar significados por intermédio da utilização de uma língua estrangeira (PCNs, 1998, p. 19).

Desta forma, Brito (1995: p. 11 *apud* SALLES, 2005), linguista brasileira pioneira no estudo da Libras, enfatiza que o canal vísuo-espacial é uma modalidade que desenvolve a linguagem nas pessoas surdas na forma sinalizada pelas experiências visuais, utilizando classificadores e as expressões faciais. Desta forma, quando estamos nos referindo à língua de sinais, o primeiro aspecto a ser abordado é a utilização dessa modalidade, que a distingue da modalidade oral-auditiva, como no caso da língua inglesa e Língua portuguesa (L2), que são línguas que utilizam os aspectos sonoros e fonológicos para a comunicação.

Como a Libras é uma língua visual e espacial, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB (Lei n° 9.394/96), no artigo 59º, inciso I estabelece que: “os sistemas de ensino assegurarão, aos educandos com deficiência, os currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades” e como podemos ver, no seu contexto teórico e legal, a LDB pontua que todos os alunos com deficiências devem ter, no seu ambiente educacional, métodos, técnicas e recursos adaptáveis às suas limitações, mas podemos perceber que o ensino e a aprendizagem da LE envolvendo a educação inclusiva é algo pouco comum e por isso um desafio.

Quanto ao ensino de língua inglesa, os Parâmetros Curriculares Nacionais – língua estrangeira (PCN-LE) afirmam que:

A aprendizagem de língua estrangeira no ensino fundamental não é só um exercício intelectual em aprendizagem de formas e estruturas linguísticas em um código diferente; é, sim, uma experiência de vida, pois amplia as possibilidades de se agir discursivamente no mundo. O papel educacional da língua estrangeira é importante, desse modo, para o desenvolvimento integral do indivíduo, devendo seu ensino proporcionar ao aluno essa nova experiência de vida. Assim, contribui-se para a construção, e para o cultivo pelo aluno, de uma competência não só no uso de línguas estrangeiras, mas também na compreensão de outras culturas. (PCN-LE, 1998, p.38)

Com relação ao ensino desta língua e sobre os recursos pedagógicos, o professor de língua inglesa (LI) precisa adquirir métodos e estratégias que promovam avanços neste processo educacional inclusivo de forma efetiva, pois o inglês é considerado uma ferramenta e um meio de comunicação universal e cultural.

A abordagem sobre a inclusão social é contida nas políticas públicas que visam às transformações, interações, o crescimento mútuo e o desenvolvimento social, cultural e educacional das pessoas com deficiências, por meio do convívio nas diversas esferas da sociedade, assegurando o direito de cidadão. Assim, a educação inclusiva ocorre quando há a garantia da qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, em que existe o reconhecimento e o respeito à diversidade e à valorização das potencialidades e necessidades desses alunos.

Com referência ao processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, neste caso, a língua inglesa (LI), para o aluno surdo, numa abordagem de educação inclusiva, é fundamental para o professor de LI a busca de qualificação e do domínio de estratégias de ensino voltadas para a educação inclusiva, pois irão vivenciar, na prática, situações de uso das línguas durante as aulas com os alunos surdos e ouvintes, em que o professor irá ministrar as suas aulas para estes dois grupos de alunos, intercalando o inglês, a Libras e o português, para que haja o entendimento do conteúdo exposto durante a aula de inglês nas escolas.

Então, o professor de LI deve buscar cursos de formação continuada, que podem ser oferecidos nas instituições públicas e privadas de ensino, que conforme o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, ressalta que:

A formação do professor deve ser um processo continuo, que perpassa sua prática com os alunos, a partir do trabalho transdisciplinar com uma equipe permanente de apoio. É fundamental considerar e valorizar o saber de todos os profissionais da educação no processo de inclusão. Não se trata apenas de incluir um aluno, mas de repensar os contornos da escola e a que tipo de educação estes profissionais têm se dedicado. (BRASIL, 2005, p.7).

Quando abordamos os principais aspectos de ensino-aprendizagem dos alunos surdos, são enfatizadas a adaptação e a elaboração dos materiais e das metodologias diversificadas para que estes alunos possam compreender as informações numa abordagem de uma sala inclusiva.

Podemos utilizar nas aulas de língua inglesa, a exploração de elementos visuais em diversos gêneros textuais, como avisos, anúncios publicitários, sinopses de filme, tiras, charges e outros tipos de textos, em que poderá ter imagens e figuras, que relacionem e complementem as ideias dos textos, para que os alunos possam compreender e fazer questionamentos sobre o conteúdo a ser vivenciado.

Para evidenciar estes recursos metodológicos, foram entrevistadas professoras no artigo científico abordados em Pereira; Klein (2005), em que relatam o uso de recursos visuais, através de cartazes e recortes de figuras para trabalharem questões de interpretação, tradução, a construção de frases simples, as quais estão exemplificadas no trecho a seguir:

Como disse anteriormente, trabalho com folhas de exercícios ilustradas em quase todas as minhas aulas. A frequência com que uso esse material tem o objetivo de repetir bastante o conteúdo, fazendo com que o aluno pratique muito e memorize, com mais facilidade, o vocabulário e a gramática ensinados. São exercícios variados, como responder a questões, correlacionar colunas, palavras-cruzadas e caça-palavras. Algumas vezes, utilizo pequenos textos para interpretação, adaptados, já que os alunos possuem muita dificuldade de leitura, tanto em inglês como em português. (Pereira; Klein,2005, p.12)

Nas aulas de língua inglesa, é essencial que haja o uso prioritário desta língua em relação ao português e, no momento em que o professor está ministrando a sua aula, vemos que existe a presença de um grupo majoritário, que são os alunos ouvintes, cuja L1 é o português, e há um grupo minoritário, que são os alunos surdos, que utilizam a Libras. Assim, é importante que o professor da LI tenha um diálogo objetivo e coeso com os alunos surdos e possa promover uma aula direcionada para a aquisição e a aprendizagem da língua inglesa em estudo, pois o intérprete de Libras irá repassar, na medida do possível, as solicitações do educador para os alunos surdos.

Para ressaltar estas ideias Pereira; Klein( 2015) faz uma análise para a falta de um PCNpara língua inglesa que leve em conta a especificidade da surdez, pois o ensino para surdos e ouvintes é diferenciado, pois temos a falta de recursos didáticos adaptados, é necessário uma maior carga horária da disciplina de Língua Inglesa, há falta de compreensão sobre a importância da língua estrangeira para os alunos surdos, a dificuldade em valorizar o inglês e as dificuldades no domínio da língua portuguesa, em que reflete na aprendizagem da língua estrangeira.

Com relação às transferências entre L1, L2 e L3, Sousa (2008, p. 18) apud (Pereira; Klein,2015) afirma que:

[...] Da mesma forma, na escrita em inglês, o aluno surdo pode ser influenciado não só pela língua de sinais, mas também pelo português (sua L2). No entanto, não se pode deixar de reconhecer também nos textos marcas da história de vida dos sujeitos – seu processo de aquisição da Libras, sua escolarização, a influência de sua família, sua relação com a surdez, sua relação com as práticas de leitura e escrita ao longo da vida, seus interesses pessoais, o contexto histórico-político-social no momento da produção.

Em consequência dessas situações linguísticas, existem dois conflitos, um por causa dos alunos ouvintes, em que o professor, durante as aulas, só ministra as aulas exclusivamente em inglês e, caso o intérprete não tenha o conhecimento necessário para entender o que está sendo explanado, este profissional não poderá interpretar com fidelidade as aulas de LI, pois não domina a língua inglesa, refletindo assim na interpretação da língua inglesa para Libras. O outro momento é se este educador ministrar com predominância as aulas em português mais do que a língua-alvo, para que o intérprete possa entender o que está sendo repassado, podendo, de forma mais clara, interpretar com fidelidade para os alunos surdos. Então esta última ação, estará anulando em partes o esforço para a aquisição e compreensão de uma língua estrangeira para os alunos surdos, como também para os ouvintes.

Na prática, esses dois momentos acontecem no cotidiano escolar do ensino fundamental e médio, mas devem existir uma inter-relação e um diálogo entre os ensinos do inglês, português e da Libras durante as aulas da língua estrangeira para os alunos surdos e ouvintes, que fazem parte da abordagem inclusiva e é tema da pesquisa deste artigo científico, na qual tive experiência nestas modalidades de ensino citadas anteriormente.

**2 O papel social da língua e da linguagem**

Para a sociolinguística, a língua é um fenômeno variável, mutável e instável, estando assim num processo de reconstrução e desconstrução, numa atividade social e coletiva, interagindo no processo comunicativo. (ALKHMIN,2001)

Assim, esta área de estudo visa processar, analisar e sistematizar o universo da língua nas modalidades oral e/ou gestual, entendendo que a língua é um sistema de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana. (TARALLO, 1982)

A língua é vista com um reflexo da cultura e é determinada pelas formas de pensamento, nas quais o homem, a partir dos discursos, tem uma visão do mundo na forma das relações sociais da língua e da linguagem.

Para reforçar a ideia citada anteriormente, Lyons (1987) define a linguagem como um sistema de comunicação natural ou artificial, humano ou não, que tem a intenção comunicativa, ou seja a aquisição da linguagem ocorre nos primeiros contatos que o ser humano tem com o mundo, através das interações com o meio e com os indivíduos ao seu redor. Esta visão entende que a linguagem é fenômeno social e cultural, em que o seu desenvolvimento acontecerá devido aos estímulos e as interferências que o ambiente reflete na vida das pessoas.

Já Chomsky (1986), aborda a linguagem como um sistema linguístico baseado em regras. Assim, língua e linguagem podem ser entendidas por dois diferentes níveis: nível biológico, que compreende a aquisição da linguagem e o nível social, que faz parte da expressão humana comunicativa.

A linguagem é baseada na interação social, na forma de competência comunicativa e promove ao ser humano a representação da realidade física e social, um vínculo com o pensamento e a atividade comunicativa, através das ideias, pensamentos e as intenções das ações representativas sobre o mundo. (FIGUEIREDO,2006)

Com referência à Língua de Sinais, Fernandes (1990) descreve que esta é uma língua considerada natural dos surdos, sendo definida como materna ou L1, representa a identidade e a cultura surda, tendo uma estrutura linguística organizada e estruturada gramaticalmente, apresentando mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos, que possibilitam uma efetiva comunicação.

Quanto à função comunicativa, Quadros (1997) defende que a Libras tem propósitos e necessidades específicas para expressarem as suas ideias, sentimentos e ações. Com esta intenção, a língua de sinais é constituída pela necessidade dos alunos surdos se comunicarem e participarem do meio linguístico, pois é uma língua tão complexa e expressiva quanto a língua oral, das pessoas ouvintes.

É importante destacar que a linguagem é um instrumento essencial para que o ser humano faça a leitura do mundo, na forma oral ou visual-espacial e Melo (2005) confirma esta questão:

[...] se duas línguas são usadas para transmitir um mesmo conteúdo, reduz-se a motivação dos alunos para compreender o que está sendo ensinado na L2 (Língua Estrangeira Moderna), assim como se neutraliza o esforço do professor e dos alunos para usar a L2. (p. 164)

Saussure (1987) alerta para que não se deve confundir a língua e a linguagem, pois a língua é uma parte essencial e um reflexo social da linguagem nos indivíduos. Já para (Goldfeld,2002), a língua envolve a significação e é uma forma de comunicação do sujeito perceber o mundo.

De acordo com Góes (1999), a aquisição de uma língua tem a função de atribuir significados ao mundo linguístico, através da linguagem e das experiências culturais. Com relação à aquisição da Língua de Sinais, isso se confirma, uma vez que normalmente é desenvolvida de forma rápida e natural para as pessoas surdas, por ser a L1(primeira língua) e promover a oportunidade da comunicação, a expressão dos pensamentos e sentimentos.

Neste processo da aquisição de uma língua, é importante que a escola e os educadores de Língua Inglesa façam parte deste ensino, traçando materiais e estratégias facilitadoras para a aprendizagem desta língua na modalidade escrita para os alunos surdos.

**2.1 A aprendizagem e o ensino da Língua Inglesa para os alunos surdos**

Segundo Vygotsky (*apud* FIGUEIREDO, 2006), na sua teoria sociocultural, o homem é considerado um ser social e adquire novos conhecimentos pelas interações sociais e humanas e a aprendizagem promove o desenvolvimento mental.

Este autor aborda a zona de desenvolvimento proximal (ZDP), que é a relação entre o desenvolvimento real (definido como a capacidade que o aluno possui em realizar situações de forma autônoma, a partir das experiências de aprendizagem vivenciadas anteriormente) e entre o nível do desenvolvimento potencial (reflete quando o aluno realiza situações educacionais com o auxílio de um educador, através dos questionamentos, diálogos vividos durante o processo educacional).

Neste caso, aluno possui dois interventores na ZDP: de um lado, o professor de língua inglesa, por ter mais experiências, dominar a língua-alvo de estudo e pelas informações que pretende repassar durante as aulas e, de outro lado, o intérprete de Libras, que terá a missão de tornar a aula de inglês mais acessível ao aluno surdo, considerado uma peça fundamental no cotidiano escolar e no tema da pesquisa deste artigo científico.

Quanto à aprendizagem da língua estrangeira para os alunos surdos, existem as estruturas de apoio, que são chamadas de *scaffolding* (andaimes, em português), dando a possibilidade de estes alunos realizarem tarefas durante as aulas de inglês com o auxílio de outra pessoa (SILVA, 1999) e o uso da L1(Libras) e da L2(português escrito) é vista como um *scaffolding* e para Donato (2000), Antón e Dicamilla (1999) e Melo(2002), quando é utilizado a língua materna, esta é uma ferramenta facilitadora na aquisição da língua estrangeira.

Para reforçar esta ideia, Mello (2002) diz que na aquisição da LE, a língua materna auxilia na construção dos significados, na resolução das tarefas linguísticas e na compreensão da estrutura gramatical a ser estudada.

Então, antes de iniciar o processo de ensino e aprendizagem da língua Inglesa, é importante perceber como os alunos surdos percebem e interagem de forma diferente, através das experiências visuais e espaciais, pois a Libras será a língua de apoio para a aquisição de novos conhecimentos e outro ponto, a ser destacado, é o que se deve priorizar no ensino da LE, como as habilidades de leitura e escrita, em que a L1 irá refletir tanto na L2 como na LE.

Com isto, é importante o trabalho conjunto dos docentes para que os alunos surdos possam interagir e participar da mesma aprendizagem da LE com os demais alunos ouvintes, sempre buscando a inclusão educacional, linguística e social de todos os envolvidos neste processo educacional.

**2.2 A relação das três línguas nas aulas de Língua Inglesa**

A linguagem é um processo essencial a aquisição e a compreensão das informações, sendo esta oral ou visual, em que a Libras é um instrumento de precisão para a comunicação dos alunos surdos e Sacks (1998) reforça esta ideia:

Sem linguagem não somos seres humanos completos e, por isso, é preciso aceitar a natureza e não ir contra ela. Obrigados a falar, algo que não lhes é natural, os surdos não são expostos suficientemente à linguagem e estão condenados ao isolamento e à incapacidade de formar sua identidade cultural”. Os surdos podem comunicar-se mais facilmente e com maior precisão pela Língua de Sinais porque o cérebro deles se adapta a esse meio e, se forçados a falar, nunca conseguirão uma linguagem eficiente e serão duplamente deficientes. (Sacks,1998, p.35)

Com relação ao uso das três línguas nas aulas de inglês, o aluno surdo não é obrigado a desenvolver a oralidade, nem na segunda língua (L2) e nem na língua estrangeira que estudará, pois, a Língua de Sinais é a sua língua prioritária, devendo priorizar a modalidade escrita do inglês a ser estudado e trabalhado durante as aulas, desenvolvendo as habilidades de leitura, principalmente da escrita.

A estrutura da escrita da L2(língua portuguesa) irá influenciar na aprendizagem da língua inglesa durante as aulas com os alunos surdos, apesar de ser inteligível, não corresponde aos padrões da escrita de um ouvinte, mas é um recurso de apoio. Assim, o ensino da LE deve ser voltado a situações reais de interação deste mundo linguístico.

Esta transferência do conhecimento linguístico da língua materna para a língua a ser aprendida, no caso, o inglês, é um fenômeno natural fato ressaltado por Cenoz (2003) ao afirmar que quando duas ou mais línguas estão envolvidas, todos os sistemas linguísticos podem influenciar uns aos outros.

Segundo Sousa *apud* Quadros (2008), o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira para os surdos reflete na L1 (Libras) e na L2 (língua portuguesa), em que esta interação e a utilização de outras línguas neste processo é essencial e importante no processo de aquisição da língua a ser aprendida.

Assim, com referência a interação social da aprendizagem, Scarpa (2002) aborda os fatores sociais, comunicativos e culturais para a aquisição da linguagem a ser aprendida, inserindo em contextos e nas estruturas textuais, chamadas de gêneros textuais.

Com referência aos gêneros textuais são definidos como estruturas padronizadas com textos variados de acordo com a situação comunicativa, tanto na escrita como na fala e estão expostos nos diversos meios e podem ser encontrados em**: artigos, cartas, notícias, reportagens, charges, tirinhas, ensaios, e-mails** e tantos outros textos, que são exemplos de práticas sociocomunicativas de forma dinâmica e variável. (PEREZ,2016)

Já, o sócio interacionismo é representado por Vygotsky, que aborda o desenvolvimento do ser humano numa visão sociocultural, ou seja, é percebida através da interação com o meio em que está inserido (Resende, 2009). Por isso, esta teoria é denominada de socioconstrutivismo, sendo também conhecida como sócio interacionismo.

É importante afirmar que essa interação entre homem e meio é considerada uma relação dialética, em que abordam o desenvolvimento humano e a aprendizagem, pois são dois processos indissociáveis, em que o indivíduo não só internaliza as formas culturais como também intervém e as transforma. (RESENDE, 2009)

Marcuschi (2005) faz uma relação entre a prática sócio interacionista e os gêneros textuais, afirmando que:

Os gêneros são fenômenos mutuamente reconhecíveis como tal pelos sujeitos discursivos em dada situação pela recorrência de funções sócio comunicativas e formatos em contextos institucionais sócio históricos; tratar de gêneros é tratar, portanto, de práticas sócio discursivas.

Esta prática sócio interacionista é importante na medida que a mediação e a troca de novos conhecimentos, possui um papel ativo no ensino com os alunos surdos, em que o professor é fundamental neste processo.

Então, o ensino de LE deve estar pautado no interacionismo social, envolvendo situações reais de uso da língua, em que:

É por meio da interação que os aprendizes conscientizam-se das habilidades e dos tipos de compreensão usados nos contextos sociais internalizando-os gradualmente, estruturando e regulando suas próprias estratégias de aprendizagem (Pinto, 2002)

Como foi enfatizado neste artigo, o ensino da LE para surdos é um desafio, assim como é o ensino da língua portuguesa (L2), mas com uma grande diferença, este aluno não tem contato com a LE, significando que o professor deverá ter outros conhecimentos, além da parte linguística, deve ter conhecimento social e cultural do aluno surdo.

Existe ainda outro ponto importante que é o aspecto cultural que se faz presente em todo o processo de aquisição e assimilação dos novos conteúdos e serve também como uma ponte entre esta língua a ser aprendida e o mundo linguístico a ser descoberto. Pode-se evidenciar sobre esta discussão em que Marguilies e Valenza (2006) enfatizam que as pessoas que falam diferentes línguas e linguagens sempre chegam junto a uma cultura linguística universal.

Assim, a cultura é baseada nos conhecimentos, ferramentas e atitudes historicamente acumulados durante a aprendizagem de novos conhecimentos e possui um papel fundamental na interpretação, no reconhecimento e na organização das informações. (QUADROS,2004)

**2.3 O professor de Língua Inglesa e o uso da Libras**

A língua inglesa pode ser considerada a L3 ou a língua estrangeira (LE) a ser aprendida pelos alunos surdos na modalidade escrita, com fins na comunicação e na aquisição de novos horizontes linguísticos. (PINTO,2014)

Os estudos sobre o ensino da LI para os alunos surdos retrata os métodos de ensino que contemple aspectos visuais, ou seja, uma pedagogia visual, além da contextualização dos conteúdos a ser trabalhado com as experiências de vida dos alunos, o trabalho com a tradução de frases e textos pequenos, sempre utilizando imagens, que é uma estratégia metodológica da construção do significado de ensino para os alunos surdos. Pereira; Klein (2005, p.12)

Então, o professor de Língua Inglesa deverá explorar os elementos visuais em diversos gêneros textuais, utilizando uma forma complementar de imagens e figuras para que possa haver um processo contínuo e complementar da compreensão dos aspectos gerais e específicos do texto.  
 Nesse sentido, um aspecto a ser abordado é a adaptação e a elaboração de materiais e metodologias diferenciadas para que os alunos surdos possam ser capazes de apropriar-se das informações utilizadas durante as aulas da LI. Dessa maneira, espera-se um maior uso do inglês em relação à utilização da língua portuguesa, com o objetivo de ter um ambiente propício para o processo de ensino-aprendizagem, em que é importante a utilização da tecnologia, utilizando alguns recursos, como: TV multimídia, laboratório de informática e internet para auxiliar estes alunos na compreensão desta língua. (PINTO,2014)

Em relação a escrita dos alunos surdos, Sousa (2009) verificou que esta escrita é muito semelhante a escrita dos ouvintes na fase de aquisição da nova língua, apresentando neste processo, a interlíngua, que é definida  
como um sistema com estrutura própria, sendo resultado da interação entre as estruturas da língua materna e a língua-alvo.

Como professora de inglês da rede pública de ensino municipal e estadual, percebo que tanto os alunos ouvintes quanto os surdos apresentam dificuldades no processo de aprendizagem desta língua. Nesta comparação, os ouvintes apoiam-se na L1(português) para aprender outra língua oral (inglês), enquanto os alunos surdos buscam o suporte na Libras (L1) e na L2(português escrito).

Então, os educadores devem respeitar o ritmo da aprendizagem do aluno surdo ao entrar em contato com a LE, pois eles podem fazer questionamentos sobre as situações e as relações entre as imagens e o texto, ficam ainda ansiosos em tentar entender e traduzir as palavras, indagando aos colegas e ao interprete, pois é um momento novo e desafiador sobre as questões contidas durante a aula.

Neste processo contínuo de aprendizagem, o professor de LI deve contextualizar os aspectos gramaticais, promover atividades, utilizando a escrita do inglês simultaneamente com as línguas de apoio, que são a Libras e o português. Caso o professor tenha um conhecimento da Libras, isto facilitará o aprendizado, juntamente com o auxílio do intérprete e a disposição, o interesse e a motivação dos alunos surdos neste processo de ensino-aprendizagem.

Certamente, o professor deseja saber e obter resultados com os seus alunos tanto os surdos como os ouvintes, então é fundamental dinamizar suas aulas, em que podem ser usados jogos, dinâmicas, cartões de resposta, sinais de Libras sobre as cores para as respostas, ou seja, criar situações em que o educador tenha um *feedback* sobre o tema de estudo das aulas.

Esta situação do professor de língua inglesa em dominar a Libras na prática é escassa, pois, segundo o Decreto nº 5.626 de 22/12/2005, os cursos de Licenciatura devem ofertar a disciplina de Libras nestes cursos de formação de professores no ensino superior, em que na maioria das universidades é ofertada apenas a libras em nível básico com carga horária mínima de 60 horas, mas isto é pouco, pois será apenas ensinado um curso elementar da Libras aos futuros professores, devendo assim, o próprio educador buscar cursos de aperfeiçoamento e até de licenciatura em Letras Libras, que dará um novo suporte didático e metodológico para o ensino do inglês com os alunos surdos.

Para Miccoli (2005), o ensino da língua inglesa tem uma visão holística e deve-se saber como utilizar de forma adequada o ensino, fazendo adaptações para suprir as necessidades do aluno e Silva (1994) propõe o uso do Inglês Instrumental para que o aluno surdo desenvolva a leitura e a compreensão dos textos.

Reforçando esta ideia citada anteriormente sobre a utilização do Inglês Instrumental, este método deve atender propósitos para o aprendiz em que:

Esteja apto a ler textos em língua inglesa, com nível de compreensão, tal que lhe permita captar as ideias principais desses textos. (Silva,2013, p.5)

Pretende-se que os alunos sejam capazes de acessar os conteúdos básicos do inglês, através das estratégias de aprendizagens, cercando o aluno surdo de suportes visuais, pois eles são indivíduos visuais nas suas percepções com o mundo social, educacional e cultural.

Por isto, é importante que o professor possa promover momentos em que o aluno surdo sinta-se um sujeito importante, detentor de funções no processo de aprendizagem e demonstrar que o uso de uma língua é essencial na comunicação das ideias, sentimentos e permite a participação social e cultural. (MICCOLI,2010)

Como enfatiza Agar (2006) quando aborda o conceito de *languaculture,* afirmando que ao usarmos uma língua, estamos envolvendo os conhecimentos prévios, as informações culturais, associados à gramática e ao vocabulário e neste artigo, a cultura do surdo está envolvida com as três línguas (Libras, inglês e o português escrito.)

A medida que existe este processo, os alunos podem utilizar o conhecimento da L2 como facilitadora para a aprendizagem da L3 e temos um recurso, que são as palavras denominadas como cognatas ou transparentes (transparents words), que são palavras com a escrita igual ou semelhante ao português e representa 30% de um texto em inglês e podemos citar: film,president,education,vaccine,virtual,importante,hospital,entre outras palavras, que auxiliarão na compreensão do texto em inglês.(GOULARD;SILVA,2000)

Com este recurso metodológico, ainda iremos enfrentar obstáculos no ensino do inglês com os alunos surdos, pois nem todos tem um domínio linguístico da língua portuguesa, uns estão no nível elementar, outros no nível insuficientes e alguns, estão com um conhecimento adequado para facilitar a aquisição da língua inglesa; isto está enfatizado em Fernandes(1990),quando diz que a grande maioria dos alunos surdos possuem dificuldades nos níveis fonológico,morfossintático,semântico e pragmático da língua portuguesa.

Contudo, não devemos desanimar com estas dificuldades, mas temos que traçar estratégias e adaptações para a construção de novos conhecimentos nas áreas da L2 ou da L3.

**Conclusão**

Historicamente, o ensino da Língua Inglesa teve como finalidades: o intercâmbio cultural, comercial, científico e político-ideológico e este ensino desenvolve nos aprendizes, os conhecimentos cognitivos, culturais, acadêmicos e profissionais. (MEDEIROS ,2009)

Este autor afirma que o ensino de inglês para os alunos surdos é importante na sua formação acadêmica e profissional, dando oportunidades na aquisição de novos conhecimentos e experiências nesta língua na forma escrita e o professor deverá introduzir conteúdos, através de estratégias de leitura e da interpretação textual.

Então, este artigo teve como finalidades: analisar o processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa (L3) para os alunos surdos e a sua relação com a Libras (L1) e com a língua portuguesa (L2) na perspectiva inclusiva.

No decorrer do trabalho, foram levantados alguns desafios, dificuldades e métodos no ensino da língua inglesa com os alunos surdos relatados por diversos autores, mas o que tem importância, são as contribuições que esta língua oferece para estes alunos, que são a determinação e a superação ao aprender uma língua estrangeira. Assim, os alunos surdos são capazes de desenvolver a aprendizagem de outra língua na modalidade escrita como os ouvintes, em que os professores de inglês devem ter um papel fundamental, dando oportunidades para a aquisição da língua inglesa.

**Referências**

Agar, M.Culture**: Can you take it anywhere?** International Journal of Qualitative Methods,2006 Disponível em [http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/5\_2/pdf/agar.pdfAceso em 25 abril 2016](http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/5_2/pdf/agar.pdfAceso%20em%2025%20abril%202016)

ALKHMIN, T. **Sociolinguística**. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (org.). Introdução à Linguística: domínios e fronteiras. Vol.1. São Paulo: Cortez, 2001.

ANTÓN, M.; DICAMILLA, F.J. **Socio-Cognitive Functions of L1 Collaborative Interaction in the L2 Classroom**. The Modern Language Journal, v. 83, n. 2, p. 233-247, 1999

Câmara, Jr., J. M. **Considerações sobre o gênero em português:** estudos linguísticos –Revista de Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v.1 n.2,1966

CENOZ, J. **The additive effect of bilingualism on third language acquisition**: a review. The International Journal of Bilingualism*,* London, v. 7, n. 1, p. 71-87, Mar. 2003.

CHOMSKY, N. Knowledge of Language. Praeger. New York. 1986

\_\_\_\_\_\_ . Decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a **Língua Brasileira de Sinais - Libras,** e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 20 abril. 2016.

DONATO, R. **Sociocultural contribution to understanding the foreign and second language classroom.**In: LANTOLF, J.P. (Ed.). Sociocultural Theory and Second Language Learning. Oxford: OxfordUniversity Press, 2000. p. 27-50.

FARIA, S. R. **Interface da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS com a língua portuguesa e suas implicações no ensino de português para surdos.** Pesquisa Linguística*,* n°6.Universidade de Brasília,2001

FERNANDES, Eulália. **Problemas linguísticos e cognitivos do surdo**. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

FIGUEIREDO, F. J. Q de. **A aprendizagem colaborativa de línguas**. Goiânia: Ed. da UFG, 2006

GÓES, M.C.R. **Linguagem, surdez e educação**. 2. ed. Campinas: Autores

Associados, 1999

GOLDFELD, M. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GOULART, Alcides Amado; SILVA, Maria Ângela. **Inglês numa nova dimensão**. Rio de Janeiro Instituto de Idiomas New Way, 2000.

\_\_\_\_\_\_. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9394, 20 de dezembro de 1996.Brasília, Ministério da Educação, 1996. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/legis/default.htm>. Acesso em: 10 abril 2016

LYONS, J. Linguagem e Linguística: uma introdução. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação**. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDCSKA, B.; BRITO, K. S. (Org.) Gêneros Textuais: reflexões e ensino. União da Vitória: Kaygangue, 2005. p. 17-33

MARGULIES, N.; VALENZA, C**. Visual Thinking**. Crown House Publisshing Company LLC, 2006

MEDEIROS, T. G.; FERREIRA, Maria Cristina Faria Dala Corte. **Inglês para alunos surdos: quem será de fato o incluído o professor ou o aluno**? Revista Virtual de Cultura Surda e Diversidade, v. 5, p. 1-15, 2009. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/revista/pontodevista.php>. Acesso em: 22 abril. 2016

MELLO, Heloísa Augusta Brito de. **Examinando a relação L1-L2 na pedagogia de ensino de ESL**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 5, n. 1, Belo Horizonte: UFMG, 2005

MELLO, H. A. B. **O Português é uma alavanca para que eles possam desenvolver o inglês**: Eventos de Ensino-Aprendizagem em uma sala de aula de ESL de uma escola bilíngue. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2002.

MICCOLI, L. Ensino e aprendizagem de inglês: experiências, desafios e possibilidades. Campinas: Pontes,2010

MUSALIM, F.; BENTES, A. C**. Introdução à Linguística** 2. SP: Cortez, 2002

PINTO, F. H. G.O **ensino e a aprendizagem de Língua estrangeira para surdos e ouvintes** Portal Educação, 2014 Disponível em<  
<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/55800/o-ensino-e-aprendizagem-de-lingua-estrangeira-para-surdos-e-ouvintes#!8> > Acesso em 29 abril 2016

**Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 120 p. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf> acesso em 07 abril 2016

PEREIRA, K. À; KLEIN, M. **Práticas de professores de alunos surdos e o ensino de língua estrangeira na educação de surdos UFSC: Florianópis,2015**

PEREZ, Luana Castro Alves. **Gêneros textuais** Brasil Escola. Disponível em <http://brasilescola.uol.com.br/redacao/conceito-generos-textuais.htm>. Acesso em 10 de junho de 2016.

PINTO, A. P. **Gêneros discursivos e ensino de língua inglesa**. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.) Gêneros Textuais e Ensino. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002, p. 47-57.

**Orientações curriculares para o ensino médio:** Linguagens, códigos e suas tecnologias Brasília: MEC 2006. 239 p. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf> Acesso em 05 abril 2016

QUADROS, R. M. e VASCONCELLOS, M. L. B (org.) Questões teóricas das pesquisas em Línguas de Sinais. Petrópolis – RJ: Arara Azul, 2008.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Artmed: Porto Alegre, 2004

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa Brasília**: MEC; SEESP, 2004

QUADROS, R.M. **Educação de surdos***:* a aquisição da linguagem. Porto

Alegre: Artes Médicas, 1997.

RESENDE, Muriel L. M. **Vygotsky:**um olhar sociointeracionista do desenvolvimento da língua escrita.Disponível em<<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1195>>Acesso em 10 junho 2016

SACKS, O. Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Cia das Letras, 1998

SALLES, M. M. L.; FAULSTICH, E.; CARVALHO, O. L. & RAMOS, A. A. L**. Ensino de Língua portuguesa para surdos. Surdos.** Brasília: MEC, SEESP, 2005.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1987.

SCARPA, E. M. **Aquisição da Linguagem**. In: MUSALIM, F.; BENTES, A. C**. Introdução à Linguística** *2*. SP: Cortez, 2002.

SILVA, M. C. C. **Aprendizagem da Língua Inglesa como L3 por aprendizes surdos brasileiros***:* investigando a transferência léxico-semântica entre línguas de modalidadesdiferentes. 2013. Tese de Doutorado, Faculdade de Letras (Linguística) da PontifíciaUniversidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS.

SILVA, Claudney Maria de Oliveira. **O surdo na escola inclusiva aprendendo uma língua estrangeira (inglês)**: um desafio para professores e alunos. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília. Brasília, 2005

SILVA, I.M. **Uma análise de uma atividade em sala de aula de língua inglesa numa perspectiva interacionista**. MOARA, n. 11, p. 39-51, 1999.  
SOUSA, Aline Nunes de. **The book is not on the table**: o desenvolvimento da escrita de surdos em Língua Inglesa (LE) In: QUADROS, Ronice Müller de. Estudos Surdos IV: Série Pesquisas. Petrópolis: Arara Azul, 2009. p. 207-240.  
2009.

SOUSA, Aline Nunes de. **Surdos Brasileiros escrevendo em Inglês: Uma experiência com o ensino comunicativo de línguas.** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2008

SILVA, I.M. **Uma análise de uma atividade em sala de aula de língua inglesa numa perspectiva interacionista**. MOARA, n. 11, p. 39-51, 1999.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. Ed. Ática, 1982.